

Candidato a tabelião^[1]

in *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*

(Introdução e notas de Santos Costa, 2.^a ed., 2000,

Câmara Municipal de Trancoso, pgs. 35 e 36)

Gonçalo Fernandes Trancoso

[1] À Câmara Municipal de Trancoso, na pessoa do seu Exmo. Presidente, Dr. Amílcar Salvador, exprimimos o nosso agradecimento pela pronta e amável permissão concedida para esta publicação (N. da RMP)

Um tabelião foi do público e judicial em um lugar de senhorio e, chegando à idade que não podia servir o ofício, pediu ao senhor da terra que lhe fizesse mercê dele para um filho, que tinha três já homens e que cada um deles era suficiente para o servir. E o senhor, por lhe fazer mercê, disse que lhe aprazia, porém que queria ver os mancebos um por um, para ver em qual seria melhor empregado e que a esse o daria.

O velho folgou disso e mandou primeiro o mais velho que, apresentando-se ante o senhor, lhe disse que ele era o filho do tabelião a quem sua senhoria mandara vir ante si para lhe fazer mercê do ofício de seu pai, se lhe parecesse, para o servir nele.

A este tempo, o senhor tinha, na sala, uma bacia grande, cheia de água e estavam nela laranjas (quatro inteiras e sete partidas pelo meio), com o agro^[1] para baixo e o pé ou olho para cima que, ao parecer de quem não no atentara bem, pareciam todas inteiras. E tanto que o mancebo deu o recado, lhe respondeu o senhor que logo o aviaria, quase fingindo esperava por outra pessoa. E, como que não fosse aquilo do caso próprio, lhe disse:

– Entrementes, vede que laranjas estão ali fora, naquela bacia.

O mancebo o olhou e, vendo as catorze metades que cuidou eram inteiras e as quatro inteiras, tudo em lançando-lhe os olhos, somente, disse:

– Senhor, são dúzia e meia de laranjas.

[1] Agro – azedo; parte do corte da laranja.

Que, na verdade, como estavam sobre a água, assim o pareciam. E o senhor disse:

– Dizei a vosso pai que mande cá outro filho.

O qual veio. E aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que também disse que as laranjas eram dezoito, como o pareciam.

E o senhor mandou vir o terceiro, o qual vinha desgostoso, porque já sabia a pergunta e não sabia que responder. E, todavia, chegando ante o senhor, lhe mandou que visse as laranjas que estavam naquela bacia, como dissera aos outros e ele, saindo fora, chamou dois homens da casa, que andavam passeando na sala, e disse-lhes:

– Senhores, o duque manda saber as laranjas que estão nesta bacia. Sede presentes, por que sejais testemunhas do que achar. E, assim, tirou as laranjas fora e viu ele e eles que eram catorze metades e as quatro inteiras. E meteu a mão na água e viu que não havia lá outra coisa e assim fez que o vissem aqueles dois homens que ali estavam. E, visto isto, tirou papel e escrevaninha que levava consigo e fez auto do que ali se achou e nomeou nele os dois homens que foram testemunhas e o assinaram. E, com isto, tornou ao senhor que, visto, lhe pareceu bem a diligência que fizera e disse-lhe:

– Vós o fizeste como oficial e não como os outros que, sem ver o que era, disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do officio que lhe fazia mercê dele, porque escreveu o que viu e palpou, que assim é necessário fazer-se, para dar fé verdadeira, que a fé do escrivão importa muito para justiça das partes.

Pede o autor a todos os senhores oficiais e pessoas a que toca, que olhem como dão sua fé para que, no cabo da jornada, se achem sempre com ela constantes e firmes na verdade, que é Deus, diante do qual não há aceitação de pessoas para que Ele, vendo-lhe sua firmeza e perfeição de obras, os haja por perfeitos e bons. Ámen